

QUILOMBO DOS PALMARES O REFÚGIO DOS NEGROS NA ERA DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL

LAFFITES, Andressa Scremin¹
CAMARGOS, Filipe Pêgo²

RESUMO

Este artigo procura retratar o Quilombo dos Palmares, tendo indícios do seu surgimento por volta de 1597, porém destacando-se somente com as expedições holandesas, em meados do século XVII para destruí-lo. Com a produção de cana-de-açúcar que faz com que cada vez mais os donos dos engenhos precisem de mão-de-obra, no início foram utilizando a mão-de-obra indígena. Entretanto com o crescimento da produção passaram a trazer os negros do continente africano para trabalharem nas agriculturas e nos serviços domésticos. Muitos morreram com as péssimas situações impostas nos navios para a viagem, falta de alimentos, água e até mesmo doenças. Quando desembarcavam nos portos eram comercializados como simples mercadorias, avaliando suas condições de saúde, se era jovem, critérios esses que.

As situações em que viviam fizeram com que os cativos procurassem meios para fugir. Surgindo um dos maiores quilombos da América, o Quilombo dos Palmares. Onde puderam estabelecer uma sociedade organizada, lutando pelos direitos de liberdade.

Zumbi torna-se o principal herói da batalha dos negros. Heroísmo este um tanto questionado, pois Zumbi, que defendia a liberdade, também teve escravos. Ressaltado que tudo indica que o Quilombo dos Palmares, foi uma multiplicidade de culturas, entre elas idiomas diferentes e até religiões. Este mocambo sobreviveu por aproximadamente quase um século.

Após várias lutas, e algumas conquistas, se é que podemos chamar assim. Algumas leis foram estabelecidas, como a Lei do Sexagenário e a Lei do Ventre Livre. Mas somente em 13 de maio de 1888, que finalmente os cativos puderam dizer que não eram mais escravos. Não precisavam mais batalhar pela tão sonhada carta de alforria. Entretanto a morte de Zumbi ocorreu em 1695, e somente em 1888 que a escravidão foi abolida.

Palavras Chave: Palmares. Zumbi. Escravidão.

¹ Andressa Scremin Laffites, graduada em Comunicação Social pelas Faculdade ESSEI, possui Formação Pedagógica pela UTFPR. Atualmente é professora da Rede Municipal de Curitiba. Cursando especialização em Mídias Integradas na Universidade Federal do Paraná. Também possui Licenciatura em História pelo Centro Universitário Claretiano e especialização em Tutoria pela Itcne.

² Filipe Pêgo Camargos é graduado em História pela Universidade Tuiuti do Paraná, possui especialização em Educação do Campo pela Universidade Camões.

1 INTRODUÇÃO

Através da argumentação teórica de alguns historiadores e a coleta de informação por meio eletrônico, ainda que, pouco tenha sido estudado sobre o Quilombo dos Palmares. Um retrato dos cativos e sua vida no início da escravidão no Brasil, e as batalhas para chegar a liberdade.

Forma arrancados de suas vidas para viverem a vida dos brancos, tendo que viver com uma cultura que não era deles. Sofreram, mas também lutaram, deixaram na história a sua marca.

Quilombo dos Palmares é um dos mocambos que mais se tem estudado, porém sabe-se que existiram outros nas mais diferentes regiões brasileiras. Mas talvez este tenha sido um dos que mais “incomodou”, os senhores e os governos, pois muitos donos sentiam-se ameaçados, vivendo um momento de turbulências, não sabendo se o seu cativo seria o próximo a fugir.

Foram espertos vendo um momento de fragilidade por parte dos governos, com a tomada holandesa. Uma oportunidade para fugir, já que a briga era para tirar a Holanda.

Para Caruso (2009, p.28), os negros formam se transformando em grandes guerreiros. Inteligentes e espertos desenvolvendo estratégias de guerras bem eficazes.

Também mostraram para os senhores que eram capazes de organizar-se em sociedade, cultivando alimentos, escambo e a lida com metais. Assim foram inúmeras as batalhas sem sucesso por parte dos brancos. Os cativos mostram que estão à frente das abordagens militares. Nunca ficavam sem grupos para observar, e frequentemente um ou outro estava junto com a sociedade e acabava descobrindo informações que seriam proveitosas para os quilombolas. Como por exemplo, quando e em que momento iria acontecer um ataque. Imediatamente os quilombolas estavam preparados.

Dois líderes marcaram a história do Quilombo de Palmares, sendo Ganga-Zumba e Zumbi. Ambos eram parentes Ganga era tio de Zumbi, posteriormente Ganga teria feito um acordo para mediar a paz. Entretanto Zumbi não concorda e acaba tornando-se o novo rei de Palmares.

2 A VINDA DOS EUROPEUS PARA O BRASIL E O INÍCIO DA ESCRAVIDÃO NO PAÍS

Pedro Álvares Cabral liderou embarcações com intuito de descobrir novas rotas para chegar as Índias. Em 22 de abril de 1500, após vários meses dentro de navios, o que para época era muito difícil, já que muitos morriam de fome e doenças. Cabral “descobriu” o Brasil. Dando o nome de Ilha de Vera Cruz, após ter certeza que se tratava de um novo continente passou a chamar de Terra de Santa Cruz. Mais tarde muda-se o nome devido as árvores chamadas de pau-Brasil. Porém, o descobrimento do Brasil vem sendo contextualizado por alguns autores, como Costa, que define o descobrimento como uma rota que já vinha sendo programada, pois os portugueses iniciaram uma preocupação com o reino Otomano³, invadindo terras africanas e posteriormente vislumbrando terras no continente americano.

Embora mornas, as viagens para o Oriente e para as possessões portuguesas na África continuaram. Uma delas seria realizada por Pedro Álvares Cabral, que zarpou de Lisboa em 1500 e, antes de tomar o rumo do Oriente, descobriria, entre aspas, o Brasil em 22 de abril. Esta viagem estava programada, mesmo que de forma secundária, desde o exato momento que Colombo retornará de sua expedição e, atracando em Portugal, dera notícias a D. João II de que havia, sim, como suspeitavam seus cosmógrafos e astrônomos, uma terra na rota do oeste. Do ponto de vista comercial, ela era imprestável, mas as perspectivas as melhores possíveis. (COSTA, 2016, p.26).

Muitos europeus desembarcaram no Brasil, transformando a vida dos habitantes que aqui residiam, ou seja, os índios, foram obrigados a absorver uma cultura que não era deles, como a catequização, trazida pelos jesuítas. Os

³ O império Otomano começou a nascer no século 11, quando tribos turcas nômades se fixaram na Anatólia, região que hoje é parte da Turquia. Tais tribos ajudaram a difundir a religião muçulmana em terras que até então estavam sob o domínio de outro império, o Bizantino. “O termo otomano deriva do nome Osman, ou, em árabe, Uthman”, diz o historiador inglês Malcolm Yapp, da Universidade de Londres. Osman, ou Otman I (1258-1324), foi um chefe turco que transformou essas tribos nômades em uma dinastia imperial. Durante os séculos 15 e 16, o Império Otomano tornou-se um dos estados mais fortes do mundo, englobando boa parte do Oriente Médio, do Leste Europeu e do norte da África. Além do poderio militar, o que ajudou a garantir essa expansão foi a tolerância dos otomanos com as tradições e as religiões dos povos conquistados. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/historia/o-que-foi-o-imperio-otomano/>>. Acesso em 13 de julho de 2017.

Europeus vendo uma terra com riquezas abundantes mais que depressa viram a necessidade de explorá-la, precisando assim de mão-de-obra para que os trabalhos fossem realizados.

Antes de chegar a escravidão negra, a História do Brasil, já em seu primeiro século, registra a utilização do trabalho do índio. Interessados logo, nos chamados produtos tropicais, notadamente o pau-brasil, os membros das primeiras expedições tratavam de conseguir, em troca de algumas quinquilharias, a força do trabalho indígena. Partiu-se então para a escravidão do índio. (PINSKY, 1939, p.17)

Além é claro da escravidão indígena, contavam também com os escravos negros. Assim, muitos africanos desembarcaram no Brasil, muitos morriam na viagem, pois eram colocados todos fechados em compartimentos. Os africanos e os índios foram escravizados sendo usados para exploração de riquezas tropicais, minerais e para os engenhos de cana-de-açúcar.

Caruso (2009, p.8) retrata, um navio grande, com um porão escuro e sufocante. Os africanos entravam, lá encontravam a dor e a doença. Pouca alimentação, quase nenhuma luz, separados de suas famílias e de suas terras, homens e mulheres viajam para outro lugar, seus nomes tão importantes em suas culturas eram trocados por outros. Eram vendidos, ou trocados por garrafas de conhaques, ou mesmo pistolas.

De acordo com Pinsky (2010, p. 11) a escravidão se caracteriza por sujeitar um homem ao outro de forma completa: o escravo não é apenas propriedade do senhor, mas também sua vontade está sujeita à autoridade do dono, seu trabalho podendo ser obtido até pela força.

Assim como na Europa, os homens eram usados para os serviços mais pesados, as mulheres para os serviços dentro de casa, lavar, passar, cozinhar. Algumas eram utilizadas como mães de leite. Os negros eram sim tratados desumanamente, e os índios sofreram ainda mais pois passaram a ser expostos a doenças que antes não existiam, como resfriados, sarampo, varíola, cólera. O resultado disso foi uma alta taxa de mortalidade entre os índios.

A epidemia de 1560-1562 que matou cerca de 10 mil índios, na Bahia, os que refugiaram da região levaram as doenças para as tribos que ainda não estavam em contato com os europeus, provocando ainda mais mortes. (MESGRAVIS, 2015, p.14)

Os escravos eram propriedades dos grandes fazendeiros, precisavam estar sempre aptos para o trabalho, não tendo horários ou mesmo dias para descansos. Foram comercializados como mercadorias, sendo expostos em feiras, onde os compradores observavam tudo, se era jovem, com força, ou mesmo dentes bonitos, não necessitando o proprietário gastar com acomodações médicas. Pois vale lembrar, como o cativo era uma considerado uma mercadoria, esta mercadoria precisava estar em boas condições para render financeiramente.

2.1 VIVENDO COMO ESCRAVOS

Após serem capturados e estarem com seus donos os escravos se viam em outro lugar, com uma nova cultura, muitos não falavam o idioma, passaram a viver em fazendas dos grandes produtores, mas não viviam como eles. Enquanto os senhores, tinham fartura em sua mesa os escravos tinham que contentar-se com as sobras.

Dormiam em locais que mais pareciam estábulos do que um quarto. Eram chamadas de senzalas. Estas senzalas ficavam dentro da fazenda do senhor do engenho e bem próximas de sua casa, para que o fazendeiro pudesse observar de perto os seus escravos. Eram acorrentados e qualquer desobediência eram punidos severamente. Uma das punições mais comuns que podemos observar no Brasil colônia, foram as chibatadas no pelourinho, tratava-se de uma coluna, onde eram acorrentados os escravos e posteriormente açoitados. Quanto mais fosse sua rebeldia, diante do seu senhor, mais chibatadas levavam. Aqueles que não serviam mais para o trabalho, devido suas condições de tortura, ou mesmo por estarem velhos, eram libertados, passando a pedir esmolas nas ruas, alguns eram assassinados por seus donos. Forma obrigados a abandonar suas religiões.

O pau é o castigo. Não qualquer punição que se estabelece contra o corpo, mas a correção necessária que o senhor deve dispensar aos seus cativos, afim de trazê-los dentro dos princípios cristãos. O pão é o alimento do espírito, que o senhor deve prover ao seu escravo, permitindo-lhe levar uma vida cristã. O pano, por fim ia muito além das vestes e da decência dos escravos, englobando todas as

condições materiais necessárias para que o cativo, uma vez instruído no plano de Deus e corrigido de suas fraquezas humanas, pudesse portar-se como um escravo verdadeiramente cristão. (FRANÇA E FERREIRA, 2012, p.30)

Viviam em situações desumanas sim, mas vale lembrar que para o fazendeiro perder um escravo significava prejuízo para seu bolso, o que certamente não seria apropriado financeiramente. As punições eram um modo de tentar conter até mesmo outros revoltos. Mas os fazendeiros passam a perceber que nem sempre torturar é um modo de manter o seu cativo.

Reis (1990) destaca que o período escravocrata, não foi marcado apenas por conflitos entre senhores e escravos, mas igualmente pela negociação e pela acomodação, pois não era possível que os escravos resistissem 24 horas de dominação e muito menos usassem força de maneira contínua em seus castigos. Em alguns momentos os escravos tinham suas reivindicações aceitas, como por exemplo, produzirem para si dentro dos limites das terras do seu senhor. Em circunstâncias de descontentamento os cativos podiam participar da escolha de seus feitores.

Os escravos eram recrutados para trabalharem nas plantações de cana-de-açúcar e café, ambas fortes para a exportação na época do Brasil colônia. O que demandava grande mão de obra. Assim comenta Pinsky.

A vida cotidiana do escravo se desenvolvia, não em função de suas próprias escolhas, mas em decorrência das tarefas que lhe eram atribuídas. Isto acontecia pela sua contraditória condição de humano e de “coisa” – ter vontade própria e não poder executá-la, tendo de executar, por outro lado, vontades que não eram suas, mas do senhor. O dia a dia do escravo refletia sua condição própria de existência e variava bastante, dependendo das especificidades do trabalho na agroindústria canavieira, na agricultura cafeeira, na atividade aurífera ou em atividades domésticas. (PINSKY 2010, p. 47).

Segundo Conforto (2012, p.79) os escravos só interrompiam o trabalho para o almoço. Sendo entre 9 e 10 horas, sempre vigiados pelo feitor. O cardápio do almoço não variava muito. Era comum que consistisse em angu, farinha de mandioca, milho, abóbora e um pouco de charque. Os escravos podiam incluir nesta alimentação pequenas caças que faziam na hora do descanso.

2.2 A LIBERDADE TEM UM PREÇO

A única maneira de um escravo ser liberto era através de um documento, registrado em cartório, com intuito de conceder a liberdade ao cativo. Segundo Reis (1998), dava ao escravo a condição de liberto ou forro, diferente de livre. Sendo assim, o escravo estaria liberto após cumprir as condições estabelecidas e condicionadas pelo seu senhor no documento.

Preço este que muitas vezes o cativo passava a vida economizando para tentar adquirir sua liberdade. Esse documento era chamado de carta de alforria, o escravo que era alforriado devia andar de posse deste documento, já que podiam a qualquer momento serem abordados como cativos.

Existiam dois tipos de cartas de alforria, as pagas e as gratuitas. As pagas geralmente eram feitos acordos entre escravo e proprietário, onde o cativo pagava sua libertação em prestações. Assim permaneciam como escravos até a liquidez do pagamento. Como era muito difícil a quitação das parcelas, alguns cativos procuram ajuda de seus familiares, pedindo empréstimos. Alguns trabalhavam por conta própria vendendo produtos como bolos e doces, ou mesmo servindo com trabalho, carregando peso, barbearia, sapateiro etc.⁴

A aqueles que pediam ajuda a um beneficiário, fazendo um acordo, onde o beneficiário pagaria sua alforria ao seu proprietário, e em troca o escravo oferecia seus serviços gratuitamente até o pagamento da dívida.

As cartas gratuitas libertavam os escravos dos senhores e os contratavam como funcionários, ganhando salários, horários de trabalhos e até dias de descanso. Alguns senhores chegaram a oferecer cartas gratuitas a crianças, prometendo ampará-las como uma educação.

⁴ Disponível em <<http://www.historiabrasileira.com/escravidao-no-brasil/carta-de-alforria>>. Acesso em 9 de janeiro de 2017.

2.3 AS LEIS QUE FORAM CRIADAS PARA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA

O Brasil ocupa o topo vergonhoso do último país independente americano a abolir a escravidão. Enquanto outros países já vinham tomando iniciativas sobre o fim da escravidão, o Brasil ainda andava em passos bem curtos. De acordo com dados da revista História o Haiti após um confronto brutal, denominado Revolta Haitiana (1791-1804), acabou levando a eliminação da escravidão e conseqüentemente a independência do país. Entretanto a lei foi revogada por Napoleão em 1802. Mas certamente deu o impulso para eliminar a escravidão. Dinamarca em 1792, também havia criado uma lei de abolição da escravidão, porém entra em vigor somente em 1803.

A iniciativa de proibição de tráfico de escravos partiu da Inglaterra em 1807, onde o parlamento britânico cria *Abolition Act*, acabando com o tráfico no país. Em 1810, a Inglaterra juntamente com Portugal cria o Tratado de Aliança e Amizade, estabelecendo a abolição gradual da escravidão e delimitando as possessões portuguesas na África, como as únicas que poderiam continuar a tráfico.

Em 1826 a Inglaterra impõe ao governo brasileiro de decretar o tráfico de escravos em três anos. O governo brasileiro cria a Lei Feijó em 1831, a lei decretava que todos os imigrantes africanos estariam livres a partir desta data. Entretanto a lei foi ignorada e chamada popularmente de “lei para inglês ver”. Dois anos mais tarde todo o império britânico já havia decretado o fim da escravidão. E em 1845 uma lei britânica proibiu o comércio de cativos entre África e América.

Reis (1990). Os novos ares soprados pelas revoluções liberais na Europa, a independência dos Estados Unidos, e a apavorante revolução no Haiti, levaram a elite colonial a internalizar rapidamente uma "nova consciência", que inverteu num passe de mágica os sinais da legitimação da escravidão. O que antes era aceito como legítimo e natural, passava a ser julgado moralmente. Rompia-se então o paradigma ideológico colonial.

Foi somente em 1871, que o Brasil começou a criar e fazer vigorar suas leis. Criando primeiramente uma lei até um tanto precária se consideramos que no resto do mundo a escravidão já estava extinta, a Lei do Ventre Livre, concede liberdade a todos os filhos de escravos nascidos a partir desta data,

porém são obrigados a estarem na tutela de seus senhores até os 21 anos. Em 1885 todos os escravos com mais de 60 anos passam a ser livres, através da Lei do Sexagenário.

Até o momento a única forma do escravo estar livre do seu senhor era com o documento chamado Carta de Alforria, este documento garantia ao escravo sua liberdade, mas para consegui-lo era um tanto difícil, ou o escravo conseguia empréstimos com amigos e familiares, ou se obrigava a entrar em um regime de prestações com seus senhores, neste caso o cativo pagava prestações para sua liberdade, caso não conseguisse quitar uma, ele voltava a pertencer ao seu senhor.

Foi em 13 de maio de 1888, que finalmente o Brasil decreta o fim da escravidão. A Lei Áurea, oficialmente Lei Imperial 3.353, foi sancionada pela princesa Isabel, marcando a extinção de um povo que viveu a mercê de seus senhores.

Entretanto há autores que relatam que na verdade o Brasil só decretou o fim da escravidão graças a movimentos dos próprios escravos. Como relata Adelmir Fiabani.

As condições que se apresentação não eram favoráveis a libertação dos produtores escravizados, a economia estava profundamente comprometida com a mão de obra servil. Não havia parcela significativa da população livre, independente da produção escravista, que assumisse a causa servil. O fim da escravidão foi obra dos cativos em aliança com o abolicionismo radicalizado. Com o advento da abolição, embora tardia, realizou-se a única revolução social até hoje vitoriosa no Brasil. (FIABANI, 2012, p. 26).

Assim, com as várias lutas os cativos brasileiros finalmente conseguiram a tão sonhada liberdade. Tal liberdade adquirida no papel, na época nossos escravos eram determinados pela cor, sendo os africanos, posteriormente indígenas. Entretanto nos dias atuais, ainda vivemos em uma sociedade, onde por mais que não queremos acreditar, existe escravidão. Claro que não é como na era colonial. Pois hoje o trabalho escravo é ilegal, então é comum grandes fazendeiros, contratar trabalhadores para suas fazendas em regime de escravidão.

3 O SURGIMENTO DOS QUILOMBOS. UMA ALTERNATIVA PARA LIBERDADE

Os quilombos são oriundos das tribos bantus. Uma versão da África no Brasil. Uma estrutura que emergiu em Angola. O termo quilombo vem da palavra Kilombu, língua do quimbundo, que significa arraial ou acampamento.⁵

Os quilombos também conhecidos de mocambos, eram os refúgios dos escravos para um local, onde pudessem viver em sociedade. Eram cativos fugitivos que procuram um local e ali formação uma comunidade. Eram esconderijos do povo africano e posteriormente recendo todos os escravos, brancos e índios. Neste esconderijo podiam resgatar seus valores, sua cultura, seu modo de vida, que foram tirados quando vendidos para seus “donos”.

Os quilombos foram crescendo, alguns eram verdadeiras cidades de habitantes. Um movimento inicial começando com um ou um grupo de escravos liderando e escolhendo um local para iniciar sua comunidade.

Segundo Galdino (2008), o tamanho dos quilombos variava muito. Havia desde aqueles que congregavam poucos indivíduos, até os que chegavam a abrigar milhares de pessoas. Em 1741, era considerado quilombo qualquer ajuntamento de escravos fugidos com mais de cinco escravos.

Para Gomes (2005, p. 29), além da quantidade expressiva de mocambos ao longo da escravidão em mais de três séculos. As comunidades quilombolas formaram mais de 4 mil espalhadas de norte a sul, centro- oeste, nordeste e sudeste. No Brasil construíram inúmeros espaços de comunidades negras.

Como o Brasil passava por conflitos, países que queriam explorar o Brasil, tanto quanto os portugueses. Esses conflitos de certa forma proporcionaram aos negros uma facilidade para refugiar-se aos quilombos. Um fato histórico foi quando os holandeses, em 1630, ocuparam Pernambuco. Dois anos mais tarde, ocupando também o Rio Grande do Norte e a Paraíba. Com esses conflitos os cativos viam uma oportunidade para fugir, já que seus donos afrouxaram um pouco a segurança, pois haviam fortes preocupações resultantes dos conflitos.

⁵ Disponível em < <http://www.capoeira-auvergne.com/pt/quilombo>> Acesso em 22 de janeiro de 2017.

Quando os holandeses ocuparam a região, muitos escravos aproveitaram que os senhores estavam preocupados com essa nova situação para fugir dos engenhos. Na época a base econômica dessa região era a produção açucareira. Pode-se afirmar então que as guerras entre portugueses e holandeses fizeram com que a vigilância em cima dos escravos fosse relaxada e este fato foi aproveitado pelos escravos para fugirem em massa. (GALDINO, 2008, p. 35).

Nem todos os que fugiam conseguiam de fato chegar ao quilombo, pois além de enfrentar uma mata densa, podiam logo ser capturados e posteriormente serem castigados pelos feitores. Alguns não se arriscavam por medo, outros preferiam arriscar para ter sua liberdade.

As fugas sempre aconteciam, um ou outro escravo numa distração do feitor, fugia, corria pelos canaviais até encontrar a fresca floresta. Por ela entrava e muitas vezes não conseguia sobreviver, cheia de feras e mistérios, assustava, mas era preferível mil vezes o perigo do desconhecido do que a violência da vida nos canaviais. (CARUSO, 2009, p. 15).

Segundo Fiabani (2012, p. 71), nos quilombos os trabalhadores dividiam-se por duas categorias principais, lavradores e artesãos. Os que cuidavam da agricultura plantavam feijão, milho, mandioca, amendoim, batata, banana, abóbora, fumo e algodão. Os artesãos geralmente eram as mulheres, faziam cestos de palha e roupas feitas com pele de animais, cascas de árvores ou até algodão.

3.1 O QUILOMBO DOS PALMARES. A MAIOR COMUNIDADE DE ESCRAVOS FUGITIVOS

Certamente todos nós já ouvimos falar em Quilombo dos Palmares. Foi a comunidade com a maior concentração de cativos foragidos de seus feitores. Sua localização era na Serra da Barriga, atual estado de Alagoas e chegou a reunir mais de 30 mil pessoas. Era uma região de difícil acesso e densa floresta. Escolha estratégica dos negros para dificultar que os feitores os encontrassem, e mesmo que isto ocorresse, como haviam sempre negros à espreita era muito difícil um ataque com vitórias.

Gomes (2011, p. 29) relata em seu livro através de alguns estudos de como teria surgido o Quilombo dos Palmares, “há quem garanta que o Quilombo dos Palmares, surgiu de uma revolta na Vila do Porto Calvo, em fins do século XVI, quando um grupo de escravos escapou para a Serra da Barriga”. Outra hipótese é a de uma migração de fugitivos dos mocambos que atravessaram a Bahia e Sergipe até chegar em Pernambuco.

Alguns relatos mostram que Aqualtune, era uma princesa africana, filha do rei do Congo. Aqualtune foi transformada em escrava, levada em um navio negreiro e vendida para o Brasil. Onde chegou pelo porto de Recife, foi levada para o sul de Recife, hoje Alagoas. Aqualtune começou a se organizar juntamente com outros cativos sua fuga. Foi para o local onde ficou conhecido como Quilombo dos Palmares, posteriormente ela assume a governança do território.

O Quilombo dos Palmares começou a ser formado no final de 1590, resistindo inclusive aos ataques dos holandeses. Palmares recebeu este nome, pois a região era rica em palmeiras. Entretanto sua maior concentração foi a partir de 1630, quando os holandeses iniciam uma batalha para tomada de Pernambuco.⁶

Para Galdino (2008, p. 35), o primeiro relato que se tem de Palmares, data de princípios do século XVII. Em 1602 Diogo Botelho, governador da capitania de Pernambuco, teve a viagem que faria para Bahia atrasada por mais de um ano, por causa de assaltos realizados pelos palmarinos, o que causava medo aos proprietários de terras e escravos da região.

A região contava com grande quantidade de árvores frutíferas, animais de caça e peixes, garantindo parte do sustento dos refugiados.

Sabiam cultivar alimentos e também a pecuária. Outro dado importante era a fabricação de metais. Ainda praticavam escambo.

De acordo com Caruso (2009, p.23) a organização do quilombo e à vontade de sobreviver em meio a floresta levavam os negros a grandes desafios e descobertas, ou mesmo a trabalhar em experiências técnicas, que

⁶ Disponível em <<http://www.historiabrasileira.com/escravidao-no-brasil/carta-de-alforria>>. Acesso em 9 de janeiro de 2017.

vinham desde seus antepassados, como a metalurgia. Dentro do quilombo existia uma oficina, onde os ferreiros ficavam fazendo utensílios de ferro. Eles fabricavam várias ferramentas para trabalhar, como facões, foices, machadinhas, enxadas e também armas, como flechas e lanças.

Como tornou-se praticamente uma cidade era natural que o Quilombo dos Palmares, tivesse uma liderança. O sucessor de Aqualtune, foi seu filho Ganga- Zumba, foi um líder de grande destaque para o quilombo.

Ganga- Zumba ou Ganazumba era considerado o Rei dos Palmares, governava a maior das vilas, Cerro dos Macacos, as outras nove eram comandados por seus familiares.

Ganga- Zumba liderou o quilombo entre 1670 e 1678, vivia como um verdadeiro rei, tendo três esposas, guardas, ministros, súditos e devotos. Ele recebia o respeito como se fosse um verdadeiro monarca.

Como podemos perceber o Quilombo dos Palmares, era uma sociedade tipicamente organizada, onde os quilombolas realizam suas tarefas para que a comunidade pudesse permanecer forte. E assim permaneceu por longos anos. Apesar desta organização tudo leva a acreditar que dentro do Quilombo de Palmares houve uma grande miscigenação de culturas. Conforme aborda Gomes.

Embora sejam necessárias mais evidências e pesquisas, é possível analisar Palmares como a continuidade de tais transformações dos africanos centrais na diáspora. De todo modo, na sua formação inicial, os mocambos de Palmares provavelmente foram habitados por africanos de várias procedências étnicas e línguas diferentes, engendrando culturas variadas. Predominavam na região os africanos centrais e talvez pequenos grupos de africanos ocidentais. Além disso as práticas religiosas forjadas nos mocambos podiam ter significados de práticas mágicas e rituais tanto de várias partes da África como de indígenas e do catolicismo colonial, aprendido nas senzalas. (GOMES, 2011, p. 57)

Muito organizado, porém com certas limitações. Nem tudo eram maravilhas, ir para o quilombo, não significava necessariamente ter liberdade. Assim relata Narloch (2011, p. 86). No quilombo, os moradores deveriam ter mais liberdade do que fora dele. Mas a escolha em viver ali deveria ser um caminho sem volta. Quando alguns negros fugiam, mandavam-lhe crioulos para captura-los e poderiam ser mortos. Ainda cobravam impostos dos moradores das vilas.

3.2 AS DIVERSAS BATALHAS PARA DESTRUIR O QUILOMBO DOS PALMARES:

Os senhores do engenho viam o quilombo como uma forte ameaça, já que podiam influenciar outros cativos a fugir, e isto era um problema, pois os senhores necessitavam da mão-de-obra escrava em suas fazendas.

A primeira tentativa de aniquilar os quilombolas foi em 1644, holandeses sob o comando de Rodolfo Baro, tiveram que bater em retirada, pois os palmarinos estavam em pontos estratégicos atrás de árvores, pegando os holandeses de surpresa.

No ano seguinte novamente os holandeses, agora sob o comando de João Blaer, tentaram exterminar os palmarinos. Porém os holandeses são surpreendidos, ao chegarem ao quilombo. Os palmarinos aproveitaram um momento de descanso dos holandeses, saqueando suas armas. Mais uma vez os holandeses tiveram que conformar-se com a derrota.

Em 1667, os holandeses já não estavam mais sob o comando das capitânicas de Pernambuco. Desta vez o governo de Pernambuco ordenou que o capitão Zenóbio Accioly de Vasconcelos, invadisse a Serra da Barriga. Zenóbio conseguiu fazer um mapeamento do quilombo e conseguiu destruir uma de suas vilas. Porém as tropas acabaram indo embora, por falta de verbas.

Podemos perceber que ao longo das batalhas, os quilombolas foram aperfeiçoando seus métodos de batalhas, o que garantiu a sobrevivência por mais de meio século. Como relata Caruso.

Os negros foram se transformando em grandes guerreiros. Inteligentes e espertos, desenvolveram estratégias tão eficazes que nenhum exército conseguia destruí-los. Não só pelo preparo físico dos negros, mas também pelas muitas armadilhas espalhadas próximo às povoações e pelos enormes muros feitos de madeira. Muitos foram os ataques recebidos. Os negros sabiam bem a fraqueza de seu oponente. Sempre que o governo a coroa ou os senhores do engenho organizavam expedições contra Palmares, os quilombolas ficavam sabendo com antecipação. (CARUSO, 2009, p.28).

Em 1677, o quilombo foi atacado por Fernão Carrilho, aprisionando 47 quilombolas. Dentre esses 47, dois eram filhos do então líder Ganga- Zumba, e um dos filhos foi morto. Deste confronto Ganga- Zumba também saiu ferido.

No ano seguinte novamente, Fernão Carrilho, resolveu formar uma aliança com o Rei dos Palmares. Neste acordo os quilombolas tinham que mudar-se para a região de Cucaú, também foi oferecido liberdade para os filhos nascidos no quilombo. Ganga- Zumba aceita o acordo, porém seu sobrinho Zumbi, não concorda com as imposições feitas pelo governo e se revolta contra o tio.

Ganga- Zumba é envenenado. Terminando a era do Rei dos Palmares. Surge uma nova liderança, Zumbi que não aceita o acordo logo organiza os palmarinos para continuarem com o quilombo.

Em 1687, tropas bandeirantes paulistas, comandadas por Domingos Jorge Velho, são acionadas para realizar expedições punitivas contra o mocambo dos Palmares

4 A ERA ZUMBI. O HERÓI DO POVO NEGRO

Muitos o consideravam um herói, afinal liderou muitos cativos para a busca da liberdade. Se rebelou contra seu tio Ganga Zumba, para continuar a liderar o grupo de fugitivos, pois queria de fato sua liberdade. Como seu tio, era admirado por muitos, vivendo como um verdadeiro rei, e chegando inclusive a ter escravos. Como retrata Narloch.

Zumbi o maior herói negro do Brasil, o homem que cuja data da morte se comemora em muitas cidades do país o Dia da Consciência Negra, mandava capturar escravos de fazendas vizinhas para que eles trabalhassem forçados no Quilombo dos Palmares. Também sequestrava mulheres, raras nas primeiras décadas do Brasil, e executava aqueles que quisessem fugir do quilombo. (NARLOCH, 2011, p. 83)

Como existem poucos relatos em torno de Zumbi, algumas lendas foram sendo passadas ao longo de nossa história. Uma delas é que ele era casado como uma mulher branca, filha de um senhor de engenho e, possivelmente

esta mulher era uma das que ele mandou capturar, provavelmente o nome Zumbi, seja um apelido.

A história mais falada é de que Zumbi foi casado com Dandara, uma guerreira valente que lutou contra o regime escravocrata. Zumbi e Dandara tiveram três filhos: Motumbo, Harmódio e Aristogiton. Não há registro do local onde nasceu Dandara. Relatos e lendas dizem que possivelmente ela tenha nascido no Brasil e se instalado no Quilombo dos Palmares.⁷

Junior em seu livro caracteriza Zumbi de uma forma poética. Lembrando o poeta Homero, narrando as batalhas da Grécia.

Zumbi aparenta, mais ou menos 30 anos. É alto, muito mais que seus generais e muitíssimo forte. A pele, de um negro retinho e brilhante, estica-se sobre o peito largo e musculoso. As marcas faciais, que demonstram suas origens étnicas tribais, são idênticas às de sua mãe (...) Uma pele de onça lhe cobre os quadris. A boca de lábios grossos, o nariz afinado e o queixo quadrado, os olhos negros enormes e um pouco oblíquo. (JUNIOR, 2003, p. 36)

Segundo Décio Freitas (1981), citado por Gomes (2011, p,65). Zumbi teria nascido em 1655, numa das inúmeras povoações palmarinas. Naquele ano o então governador de Pernambuco, Francisco Barreto, enviou a primeira expedição contra Palmares, após a expulsão dos holandeses. Entre os prisioneiros feitos na pequena povoação, tinha uma criança do sexo masculino. O menino recém- nascido foi dado de presente ao padre português Antonio Melo, do distrito de Porto Calvo, cujos os limites marcavam a fronteira entre o povoamento e a república negra. De acordo com o autor estes relatos foram pesquisas realizadas a partir de arquivos portugueses de 1974. Ainda segundo o autor, Zumbi teria sido batizado de Francisco e inclusive aprendeu latim.

Lutou bravamente e tornou-se um símbolo do povo negro. Alguns indícios constataram sua morte como sendo suicídio. Entretanto Gomes, (2011, p. 70), destaca e pontua outros autores como Nina Rodrigues e Rocha Pitta, através de seus estudos datam o falecimento de Zumbi em 20 de novembro de 1695, ao qual teria sido assassinado. E em 2011 esta data torna-se o dia da Consciência Negra, sendo considerada feriado facultativo.

⁷ Disponível em <<http://www.oarquivo.com.br/extraordinario/pessoas-especiais/1440-dandara.html>>. Acesso em 22 de Janeiro de 2017.

5 METODOLOGIA

Segundo Barros e Lehfeld (2007, p. 17), metodologia vem do grego. Meta- caminho, logo- discurso estudo, a metodologia é entendida como uma disciplina que relaciona-se com a epistemologia. Consiste em estudar e avaliar os vários métodos disponíveis, identificando suas limitações. (BARROS e LEHFELD 2007, p. 18) “A metodologia, quando aplicada, examina e avalia os métodos e as técnicas de pesquisa. (...) verificação de novos métodos que conduzirão a capacitação e ao processamento de informações.”

De acordo com Demo (1987, p. 23), “[...] pesquisa é a atividade científica pela qual descobrimos a realidade”; “[...] pesquisa significa diálogo crítico e criativo com a realidade, culminando na elaboração própria e na capacidade de intervenção” (DEMO, 2002, p. 128). Assim pesquisar pressupõe refletir, interagir com o assunto abordado. Faz parte da pesquisa o aprofundar conhecimentos ou mesmo contextualizar.

Como aponta Demo a pesquisa é o descobrir da realidade, nem sempre este descobrir está ligado a uma pesquisa inédita. Muitas vezes o descobrir para o pesquisador é propriamente o conhecer, e o fato de interligar as ideias dos autores fazem com que o pesquisador seja um crítico, que formule argumentos e contextualize com os autores em questão. Dentro do que aqui foi colocado o artigo procurou contextualizar estas informações com pesquisas feitas em sites e livros impressos, autores como: Luiz Galdino⁸, Flávio Gomes⁹ e outros historiadores, contribuíram para as informações elaboradas.

⁸ Luiz Galdino (17/07/1940). Começou escrevendo livros para adultos. Já publicou mais de quarenta títulos, que inclui ficção para adultos, novelas infanto-juvenis e obras de não-ficção (ensaios sobre História e -história brasileiras). Esses livros conquistaram quase trinta premiações, entre as quais o Prêmio Literário Nacional do Instituto Nacional do Livro (DF), Prêmio Nacional do Jabuti, além de alguns no exterior - México, Alemanha, Estados Unidos e Itália.

⁹ Flávio Gomes é doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas, é professor do Departamento da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autor de livros, coletâneas e artigos sobre a formação de quilombos e a temática dos negros no Brasil

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A batalha constante de um povo certamente moveu toda uma geração, nos dias atuais é muito difícil compreender como seres humanos eram tratados como simples objetos para servirem aos seus “donos” da forma que eles desejassem.

Um povo guerreiro que escreveu sua história que lutou por mudanças e que pouco a pouco vem conseguindo mais e mais espaços. E como não perceber isto, olha quanta cultura foi inserida dentro do nosso país. Podemos dizer da culinária, o virado de feijão, a quem diga tutu de feijão, ou mesmo a feijoada. Nossa esse era um prato desperdiçado, feito com sobras e hoje se tornou um prato típico da culinária brasileira apreciado por pessoas do mundo inteiro.

Somos ricos sim com tudo que os afros descentes nos deixaram, sua dança, sua religião, sua alegria. É triste pensarmos que os africanos tiveram que esconder seus princípios culturais e acabaram usando a capoeira como um meio de defesa. Sim lutaram, mais lutaram por uma causa. Não devia ser assim, uma batalha nunca poderia terminar em guerra, mas não é isto que acontece.

E agora como está o nosso povo. Vem conquistando o respeito, mas infelizmente ainda sofrem diversos preconceitos. Não precisaria ter uma lei constando que é crime o preconceito, pois todos nós devíamos nos aceitar e nos respeitar entre si.

Ainda vivemos num país com contraste muito grande. Em 2014 o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), declara que mais de 50% da população brasileira são de afrodescendentes. Porém a minoria está vivendo em condições adequadas, a grande maioria da população baixa renda, ainda é negra, o que está acontecendo? Os negros ainda sofrem preconceitos raciais? Mesmo com mudanças feitas pelo governo com a política de cotas, este número ainda não mudou. Cotas estas que geraram muitas discussões. Porém acredito que isto de fato era necessário, não surgiu de forma preconceituosa e sim, uma alternativa para equilibrar a desigualdade.

Mas será que a escravidão de fato acabou? A quem diga que não. Escravidão pode ser considerada todo aquele trabalho em que as condições

são desumanas, salários baixos e várias horas de trabalho ao dia. Infelizmente isso ainda acontece em locais do interior. Aqui mesmo no Paraná, na cidade de Tunas, região metropolitana de Curitiba, cidade que tem seu Índice de Desenvolvimento Humano baixo. Em 2005, a Delegacia regional e o Ministério Público do Trabalho encontraram 85 trabalhadores que estavam desempenhando atividades em áreas de reflorestamento de pinus.

Esses trabalhadores estavam em regime de pura escravidão. Na vistoria realizada, constatou-se funcionários trabalhando doentes, sem equipamento de segurança necessário, não havendo água potável para o consumo dos mesmos, falta de higiene sanitária, além de estarem morando em pequenos barracos, montados no próprio chão, sem piso, na terra.

Quando ouvimos tal notícia é difícil de acreditar que isto ainda ocorra nos dias atuais. A impressão que se tem que as lutas constantes dos escravos e a força do maior líder Zumbi, ainda precisariam estar vivas entre nós. É o nosso povo que clama por “vida”, mas não qualquer vida. É a vida dos direitos de todos vivermos em paz e sermos igualmente, mas igualmente de verdade tratados com igualdade. É inacreditável que um país como o Brasil tenha sido um dos últimos a decretar o fim do regime escravista. Um país com tanta vida, seja flora ou na fauna.

Como seria bom se todos pudessem viver em paz, sem brigas, sem guerras. Nenhuma pessoa nasce preconceituosa não existe. O que existe são os nossos ensinamentos. Então por que não começamos a ensinar a amar. Pense nisto,

O próprio Nelson Mandela, é um exemplo forte do amor que existiu dentro dele, lutou e lutou, foi preso e ficou recluso por mais de 20 anos e mesmo assim confiou no amor das pessoas. Tornou-se presidente da África do Sul e uma liderança viva até hoje. Mérito de bondade foi o vencedor do Prêmio Nobel da Paz em 1993. Foi revelado em um dos maiores jornais do mundo o *The New York Times*, sabendo que foi aprisionado por forças americanas.

REFERÊNCIAS

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 3ª ed. São Paulo, SP: Pearson Prentice Hall, 2007.

CANCIAN, Renato. **Invasão Holandesa**: Portugal perde Pernambuco para Holanda. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/invasao-holandesa-portugal-perde-pernambuco-para-holanda.htm>>. Acesso em 16 de janeiro de 2017.

CARUSO, Carla. **Zumbi**: o último herói dos palmares. 2ª ed. São Paulo, SP: Instituto Gallis, 2009.

CONFORTO Marília. **O escravo de papel**: o cotidiano da escravidão na literatura do século XIX. Caxias do Sul, RS: Educs, 2012.

COSTA, Marcos. **A História do Brasil para quem tem pressa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Valentina, 2016.

DEMO, P. **Introdução à Metodologia da Ciência**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1987.

FIABANI, Adelmir. **Mato Palhoça e Pilão**: O quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004). 2 ed. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2012.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho; FERREIRA, Ricardo Alexandre. **Três Vezes Zumbi**. São Paulo, SP: Três Estrelas, 2012.

GALDINO, Luiz. **Palmares**. 8 ed. São Paulo, SP: Aplicada, 2008.

GOMES, Flávio. **Palmares**: Escravidão e liberdade no Atlântico Sul. São Paulo, SP: Contexto, 2005.

_____. **De olho em Zumbi dos Palmares**. São Paulo, SP: Claro Enigma, 2011.

SANTOS SÉ, Carolina de Souza. **Carta de Alforria**. Disponível em <<http://www.historiabrasileira.com/escravidao-no-brasil/carta-de-alforria/>>. Acesso em 03 de junho de 2017.

JUNIOR, Eduardo Fonseca. **Zumbi dos Palmares**: Herói Negro da Consciência Nacional. São Paulo, SP: Atheneu, 2003.

MARIANO, Agnes. **Histórias do povo negro**. Disponível em: <<https://historiasdopovonegro.wordpress.com/determinacao/da-escravidao-a-liberdade-2>>. Acesso em 5 de janeiro de 2017.

NARLOCH Leandro. **Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil**. 2ª ed. São Paulo, SP: Revista e Ampliada, 2011.

PINSKY, Jaime. **A Escravidão no Brasil**. 21 ed. São Paulo, SP: Contexto, 2010.

O que foi o império Otomano. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/historia/o-que-foi-o-imperio-otomano/>>. Acesso em 13 de julho de 2017.

Qual foi o primeiro país a abolir a escravidão. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/historia/qual-foi-o-primeiro-pais-a-abolir-a-escravidao/>>. Acesso em 6 de janeiro de 2017.

REIS, João José e SILVA, Eduardo. **Negociações e Conflito**; a resistência negra no Brasil escravista. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/64311/66997>>. Acesso em 9 de janeiro de 2017.

RIBEIRO, Mariana Alice. **Senzala e Indústria**: as fugas de escravos da Real Fábrica de Ferro Ipanema- Sorocaba-SP (1835-1838). Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao46/materia05/>>. Acesso em 5 de janeiro de 2017.

SILVA, Tiago Ferreira. **Guerra dos Palmares**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/guerra-dos-palmares/>>. Acesso em 16 de janeiro de 2017.

ANEXO 1- DOCUMENTO LEI ÁUREA. EXTRAÍDO SITE NOVA ESCOLA



ANEXO B- CARTA DE ALFORRIA, EXTRAÍDO SITE HISTÓRIA BRASILEIRA.

